

AS FORMAS DE TRATAMENTO NOMINAIS E PRONOMINAIS EM *LOPE* (2010): TEMPORALIDADE LINGUÍSTICA E VEROSSIMILHANÇA

Livya Lea de Oliveira Pereira

Doutoranda em Linguística, Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGLg/UFSC), CAPES, Florianópolis – SC, Brasil

Leandra Cristina de Oliveira

Dra. em Linguística, professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE) e do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLg) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC, Brasil

RESUMO: As formas de tratamento nominais e pronominais em referência ao interlocutor singular são elementos linguísticos profundamente interligados às estruturas sociais, com a propriedade de expressar relações de poder, solidariedade, intimidade, confiança, respeito, diferenças etárias e hierárquicas, etc. Com o objetivo de descrever a representação do fenômeno em obras fílmicas – um dos interesses de pesquisadores do Projeto CEEMO –, este estudo tem como recorte o uso das formas de tratamento nominais e pronominais em interações presentes na amostra fílmica *Lope* (2010). Trata-se de uma obra contemporânea que retrata a biografia do escritor Félix Lope de Vega y Carpio, ilustrando, então, os Séculos de Ouro Espanhol (o período do Século XVI, neste caso). A questão central neste estudo é debater sobre a representação do fenômeno na amostra selecionada, tomando como parâmetro estudos históricos sobre o objeto em tela, como Biderman (1972-1973), Medina Morales (2002), De Jonge; Nieuwenhuijsen (2009) e King (2010). Para tanto, a metodologia é de base qualitativa e fundamenta-se nas proposições de Brown e Gilman ([1960] 2003), acerca das relações de poder e solidariedade, dentre outras variáveis sociolinguísticas, tal como a situação sociocultural dos interlocutores, sexo e audiência. Como síntese dos resultados, identificou-se certa dissonância temporal entre os usos linguísticos presentes na obra e o período que essa representa, sobretudo pelo emprego da forma pronominal moderna *usted*, em detrimento do *vuestra merced*, forma atestada por linguistas em obras dos séculos XVI e XVII.

PALAVRAS-CHAVE: Formas de tratamento. Variação Linguística. Séculos de Ouro Espanhol.

Abstract: Nominal and pronominal forms to address the singular interlocutor are linguistic elements deeply intertwined with social structures, with the propriety of expressing power relations, solidarity, intimacy, trust, respect, age and hierarchical differences, etc. In order to describe the representation of the phenomenon in film works - one of the interests of researchers of the CEEMO Project -, this study has as a cut the use of nominal and pronominal forms of treatment in interactions present in the filmic sample *Lope* (2010). This is a contemporary film about the biography of Felix Lope de Vega y Carpio, illustrating the Spanish Golden Century (the sixteenth century period, in this case). The central question in this study is to discuss the representation of the phenomenon in the selected sample, taking historical studies parameters about the research object, such as Biderman (1972-1973), Medina Morales (2002), De Jonge; Nieuwenhuijsen (2009) and King (2010). For this purpose, the methodology is qualitative and it was based on the propositions of Brown and Gilman ([1960] 2003) about the relations of power and solidarity, among other sociolinguistic variables, such as the interlocutors' sociocultural

situation, sex and audience. As a synthesis of the results, a certain temporal dissonance was identified between the linguistic uses presented in the movie and the period it represents, especially by the use of the modern pronominal form of address '*usted*', to the detriment of the form '*vuestra merced*', a form attested by linguists in texts of the sixteenth and seventeenth centuries.

KEYWORDS: Forms of Address. Linguistic Variation. Century of Spanish Gold.

INTRODUÇÃO

Na comunicação, seja oral ou escrita, geralmente falamos ou escrevemos para alguém, e expressamos, por meio da linguagem, as relações estabelecidas com nosso interlocutor: grau de intimidade, níveis hierárquicos e relações de poder, distância, intimidade e respeito, níveis de formalidade, sentimentos, entre outros aspectos. Um dos elementos linguísticos que nos dão pistas dessas relações sociais integradas ao uso da língua são as formas de tratamento, como destacam Brown e Gilman ([1960] 2003), a partir do estudo comparativo, com um conjunto de diferentes línguas, tradicionalmente citado em pesquisas sobre o fenômeno em tela.

Diferentes estudos vêm se dedicando à análise das formas de tratamento pronominais para segunda pessoa em línguas e períodos históricos diversos¹. No caso do espanhol, língua de interesse neste estudo, Fontanella de Weinberg (1999) argumenta que esse é um dos temas mais complexos da morfossintaxe espanhola, devido a sua ampla variação diatópica. Para tal afirmação, a autora considera pesquisas sociolinguísticas históricas e contemporâneas sobre os sistemas pronominais de tratamento no mundo hispânico, constatando e descrevendo pelo menos quatro subsistemas de tratamentos, além de uma diversidade de formas nominais.

No que tange à mudança linguística, cabe citar um período histórico especialmente interessante para o estudo dessas formas, dadas as mudanças pelas quais a sociedade passava, como a ascensão da burguesia, crises políticas, expansão territorial e normatização linguística. Referimo-nos aos Séculos de Ouro Espanhol, que abarca os séculos XVI e XVII, em que emergem e competem diversas formas de tratamento, algumas delas vigentes no uso atual do espanhol (KING, 2011; DE JONGE; NIEUWENHUIJSEN, 2009). Como estratégia metodológica para o estudo da variação e mudança do fenômeno em questão em um cenário de ausência de fontes orais concretas, linguistas e filólogos descrevem sincronias passadas a partir

¹ De modo a ilustrar, podemos citar os estudos de Carricaburo (1997) e King (2011), sobre a variação nos usos das formas de tratamento pronominais na língua espanhola na contemporaneidade e nos Séculos de Ouro, respectivamente; Scherre *et al.* (2015), na língua portuguesa, Leitner (2013) na língua inglesa, entre outros.

de obras literárias representativas de cada período (MEDINA MORALES, 2002; DE JONGE; NIEUWENHUIJSEN, 2009; KING, 2011; RÓZSAVÁRI, 2015; BOLUDA RODRÍGUEZ, 2016).

No presente estudo, que se encontra sob o escopo dos interesses do Projeto CEEMO – *pesquisas em corpus do espanhol escrito com marcas de oralidade* – nos direcionamos ao estudo de uma amostra fílmica contemporânea que representa o período histórico dos Séculos de Ouro: *Lope* (2010), a saber.

Antes de seguirmos com detalhamentos sobre o estudo aqui proposto, cabe melhor explicitar questões do projeto CEEMO/UFSC que julgamos convenientes para este texto. Trata-se de um projeto que, sob as lentes da Linguística e da Tradução, compila amostras de distintas naturezas – entre elas a amostra fílmica – para fins de estudos da variação e mudança linguísticas (GESSER, 2018; OLIVEIRA; GESSER, 2015; OLIVEIRA *et al.*, 2015; 2016). As mais recentes amostras fílmicas compiladas, transcritas e analisadas pelos pesquisadores – *Lope* (2010) e *Alatriste* (2006) – coincidem em um aspecto: são obras do Século XXI que recuperam em sua narrativa personagens e fatos dos Séculos de Ouro Espanhol. Os propósitos desta compilação consistem em analisar fenômenos relacionados (i) a representações linguísticas nas obras, dado o período histórico retratado; (ii) aos efeitos da distância temporal no que concerne a fenômenos linguísticos; e (iii) desafios tradutórios decorrentes da variação diacrônica – nos interessa aqui o segundo.

Como mencionado, para o estudo do fenômeno das formas de tratamento de segunda pessoa singular da língua espanhola, consideramos a transcrição do material de áudio do filme *Lope* (2010) – por assumirmos o áudio como um material linguístico menos afetado do que a legendagem – tendo como ponto de partida para análise a seguinte questão: que aproximações são observáveis entre a representação das formas de tratamento em obra fílmica que ilustra os Séculos de Ouro e o uso efetivo do fenômeno, descrito por linguistas como De Jonge; Nieuwenhuijsen (2009), King (2011) e Medina Morales (2002), a partir da análise de textos literários do período entre os séculos XVI-XVII?

À luz desse questionamento, consideramos a análise do fenômeno nas relações interpessoais simétricas e assimétricas presentes na amostra, após elucidações teóricas e metodológicas apresentadas em seções adiante neste texto.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO FENÔMENO

A variação nos usos das formas de tratamento consiste em um fenômeno em que se nota uma íntima relação com as transformações nas estruturas sociais (BROWN; GILMAN, ([1960] 2003); BIDERMAN, 1972/73). Com vistas a explicitar essa relação, expomos a seguir um breve panorama do que ocorria no contexto histórico e social entre os séculos XVI e XVII na Península Espanhola – dada a representação da amostra analisada – para, então, apresentar a retomada bibliográfica acerca do sistema de tratamento nominal e pronominal da época.

A sociedade dos Séculos de Ouro Espanhol

Torrens Álvarez (2007) considera a primeira metade do século XVI e a segunda metade do século XVII como a época de florescimento máximo da literatura espanhola, conhecido como *Los Siglos de Oro*. Nessa época, o espanhol já tinha se firmado como língua nacional e alcançava seu esplendor como meio de expressão artística e prestígio na Europa. Também esse é o período em que culmina grande parte das mudanças linguísticas observadas no espanhol moderno e nas distintas variedades.

No que concerne ao período histórico aqui de interesse, ao longo do século XVII se instalava a crise e decadência no Império onde “*no se ponía el sol*”². Segundo Pedraza Jiménez e Rodríguez Cáceres (2008), entre os séculos XVI e XVII, Espanha foi marcada por uma progressiva crise econômica e social em governos como o de Felipe III (1598-1621), Felipe IV (1621-1665) e Carlos II (1665-1700). As guerras europeias e a conquista e colonização da América provocaram uma crescente despovoação e empobrecimento dos reinos peninsulares, em especial Castilha.

Espanha, assim, experimentava no período do século XVII a decadência como potência política, militar e econômica, o que deu lugar a um sentimento de desengano referente à natureza humana, favorecendo o individualismo. Pouco antes, a partir do século XVI, a sociedade espanhola vivenciava um sistema excludente a qualquer desvio da ortodoxia cristã e católica, firmados pelo Concílio de Trento e pela Inquisição espanhola. Nesse cenário, apresentar-se como um homem honrado e cheio de riqueza material era uma forma de fugir da

² Essa expressão remete à época do reinado de Carlos I e Felipe II, período em que houve intensa expansão territorial do Império Espanhol, passando a ser composto por regiões da Europa, África, América e Ásia. Assim, sempre havia um lugar do Império em que o sol não tinha se posto.

Inquisição e ser respeitado socialmente. Tratava-se de uma sociedade que refletia divisões sociais de difícil mobilidade, em que a adulteração de documentos, falsificações genealógicas e ocultação do passado de uma pessoa eram práticas a facilitar a ascensão social. Como veremos em seção adiante, as formas de tratamento constituíam um dos fenômenos linguísticos que mais atuavam nessa dinâmica de representação social.

No que tange ao diálogo do cenário sócio histórico com o que se entende como Séculos de Ouro Espanhol, importa citar que a decadência não atingia o contexto da criação literária. Era, na verdade, o período de seu apogeu, em que surgem: a picaresca, a mística, a comédia espanhola, os poetas do Conceptismo e Cultismo e, como não destacar, “*El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*” de Miguel de Cervantes. Nesse cenário, também surgia um dos maiores representantes da dramaturgia espanhola ou teatro nacional, Lope Félix de Vega y Carpio, tendo escritos mais de 1.800 comedias, 400 autos e uma infinidade de poesias e outros gêneros literários (ESTRELLA GUTIÉRREZ, 1959).

Percorso histórico das formas de tratamento no espanhol

Relacionando o fenômeno linguístico em discussão ao contexto apresentado na seção anterior, citamos o trabalho de Biderman (1972/73), que, ao tratar da Europa nos séculos pós Idade Média, alega uma preservação de costumes do passado, como a reprodução de uma estrutura de classes e uma sociedade aristocrática fechada, refletidas em comportamento linguístico. Para a autora (op.cit, p. 341), “[T]oda sociedade diferenciada em classes, insiste em cultivar uma etiqueta que individualize a elite da massa”. Dessa forma, em muitas sociedades havia (e ainda há) formas de tratamento para distinguir os aristocratas e a alta sociedade.

Na época medieval, os usos de tratamento pronominais se assemelhavam ao sistema latino antigo, em que existia apenas uma forma para o trato no singular (*tú*) e uma para o trato no plural (*vos*), avançando esta última também para o domínio da segunda pessoa singular para o trato reverencial e cortês – primeiramente em direção ao imperador e, posteriormente, estendido a outras figuras de poder.

De Jonge; Nieuwenhuijsen (2009, p. 1635) assinalam para o espanhol antigo a existência de duas formas de se dirigir a um interlocutor: *tú*, no trato de confiança, e *vos* no trato de cortesia. A forma *vos*, nesse período, além do uso que indicava deferência/cortesia

singular, era empregada para dirigir-se a mais de uma pessoa, “*en cuyo caso no estaba marcado para cortesía ni para confianza.*”

Por sua vez, no século XV, a diferença entre esses pronomes parece se flexibilizar, aparecendo ambas as formas indistintamente para o tratamento em segunda pessoa singular. Nessa direção, De Jonge; Nieuwenhuijsen (2009) assinalam o uso de *vos* entre pessoas que se tratam de maneira familiar e também em referência a desconhecidos.

Nesse cenário, a dimensão do poder passa a demandar uma forma capaz de preencher a função da deferência, contexto que favorece a emergência de *vuestra merced* e outras formas nominais como *señoría*. No século XVII, quando o *vos* já tem o traço de cortesia apagado, sendo empregado entre familiares ou para dirigir-se a inferiores – competindo, portanto, com o tratamento *tú* –, *vuestra merced*, forma pronominal já totalmente gramaticalizada, generaliza-se e passa por complexas evoluções fonéticas até se transformar no atual *usted* (DE JONGE; NIEUWENHUIJSEN, 2009; OLIVEIRA, 2009; RÓZSAVÁRI, 2015). De Jonge; Nieuwenhuijsen (2009, p. 1643) afirmam que, ainda no século XVII, tem-se registrado o primeiro uso da forma reduzida *usted*, mais precisamente em amostra do ano de 1620, analisada por Pla (1923 *apud* DE JONGE; NIEUWENHUIJSEN, 2009, p. 1643).

Ainda sobre o estudo das formas de tratamento em obras históricas, dados os propósitos deste artigo, cabe sistematizar o panorama das formas pronominais e nominais empregadas em diferentes díades, no período entre os séculos XVI e XVIII, encontrado por Biderman (1972/73).

Quadro 1 – Panorama das formas de tratamento, adaptado de Biderman (1972/73)

Díades	Séc. XVI	Séc. XVII e XVIII
Entre reis	<i>Tú</i>	<i>tú, vuestra majestad (3.a.p.)</i>
Reis -> nobres	<i>tú, vos</i>	<i>vos, vuestra merced</i>
Reis -> povo	<i>tú</i>	<i>tú, vos</i>
Nobres -> reis	<i>vuestra majestad; señor (3.a.p.)</i>	<i>vos, señor, vuestra majestad, vuestra alteza (3.a.p.)</i>
Entre nobres	<i>tú, vos (2.a.p.); vuestra merced (3.a.p.)</i>	<i>tú, vos, señor, caballero, vuestra merced, usted</i>
Nobres -> povo	<i>Tú</i>	<i>tú, vos</i>
Povo -> Reis	<i>vuestra majestad, tu, real Alteza (3.a.p.)</i>	<i>vuestra majestad</i>

Povo -> nobres	<i>vos</i>	<i>tú, usted, vos, vuestra merced, señor, vuestra excelencia</i>
Povo -> Povo	<i>tú</i>	<i>tú, vos, vosotros</i>

Fonte: Biderman (1972/73, p. 353-354).

Sobre os tratamentos empregados em obras do século XVI, Biderman (1972/73) chama a atenção para o fato de a forma *vos* poder ser usada para o trato no singular ou no plural. A forma ‘*tú*’, por outro lado, poderia codificar superioridade descendente (do homem sobre a mulher, por exemplo) – dada a sociedade patriarcal da época – ou movimentos emotivos, como o desprezo. Nota-se, em relação a essas formas, que, no século XVII, o *vos* passa a ser utilizado para o trato entre o povo, deixando de limitar-se à dimensão do poder (de inferior para superior) ou entre superiores (deferência recíproca). Passa a apresentar, nesse cenário, dois valores: tratamento de superioridade descendente (de superior a inferior) e tratamento da familiaridade.

Sobre a variação dos tratamentos *tú*, *vos* e *vuestra merced* entre os séculos XVI e XVII, Cisneros Estupiñán (1996) argumenta que tais formas iam da máxima informalidade à máxima reverência, respectivamente. Assim, a autora explica que o *vos* era um trato instável entre os dois extremos: na extrema esquerda, no polo da informalidade, estaria o *tú*; na extrema direita, no polo da máxima reverência, estaria *vuestra merced*>*usted*.

King (2011) também investiga os usos desses tratamentos a partir de textos literários dos Séculos de Ouro, chamando a atenção para alguns fatores que podem influenciar na escolha de cada variante (*tú*, *vos*, *vuestra merced*). Para além da classe social e familiaridade, o autor constata a atuação de fatores como idade, sexo, relação de distância/intimidade, observando diálogos entre patrão e amo, entre desconhecidos e entre amantes. Além disso, sobre o uso de *vos*, assevera tratar-se de uma forma utilizada em diversas situações, representando tratamento menos marcado para o período, pelo menos na interação entre homens.

Também importa mencionar que, no jogo de variantes, exercem grande influência as intenções pragmáticas, como destaca Boluda Rodríguez (2016). A autora afirma que os sentimentos do falante, o seu estado anímico, a pretensão de cuidar de sua imagem, sendo cortês ou buscando persuadir podem determinar a variante escolhida pelo falante em referência a seu interlocutor.

No que se refere a formas ou fórmulas de tratamento nominais, podemos citar o estudo de Medina Morales (2002). Essa autora, apoiada na sociolinguística histórica, toma como *corpus* algumas novelas picarescas espanholas publicadas entre 1528-1688, nas quais busca

relacionar três variáveis: o vínculo relacional entre os interlocutores, a situação sociocultural e as fórmulas nominais de tratamento utilizadas entre as personagens em contextos simétricos (isto é, entre iguais). Com isso, essa autora expõe possíveis motivações sociais para a proliferação de novos tratamentos nos Séculos de Ouro, por exemplo, o surgimento de uma classe média nas cidades, ao mesmo tempo em que emergia um denso mundo marginal e delinquente, que gerava uma progressiva evolução dos usos recíprocos. Para a autora, os setores médios preocupavam-se com a manutenção das diferenças e, assim como a baixa nobreza, exigiam formas de tratamentos marcadas em decorrência de seu estrato social. Desse cenário, desencadeia uma série de ajustes no sistema de tratamentos, entre eles a proliferação de tratamentos honoríficos, a partir dos quais a burguesia buscava equiparar-se à alta nobreza e esta, por sua vez, buscava garantir seu status de superioridade.

Ainda nos passos de Medina Morales (2002), resumimos no Quadro 2 a sistematização das formas de tratamento nominais encontradas em seu *corpus*. Para tanto, reproduzimos a divisão proposta pela autora para as interações simétricas entre as personagens, diferenciando os contextos de relações simétricas (i) com o predomínio da familiaridade (ex. companheiros de serviço da classe baixa, pícaros e prostitutas) e (ii) com o predomínio da formalidade (ex. personagens com vínculos sociais superficiais, apenas conhecidos).

Quadro 2 – Fórmulas de tratamento nominais em relações simétricas

Relações simétricas com predomínio da familiaridade	Relações simétricas com predomínio da formalidade
<ul style="list-style-type: none"> - Nome próprio + <i>tú/vos</i>. - Títulos genéricos ou de parentesco, (pode vir acompanhado com o nome do interlocutor ou não). - Uso de diminutivos e apelidos. - Outros (<i>Putá + tú; Noramaza + tú; Niña + tú.</i>). 	<ul style="list-style-type: none"> - Nome próprio + <i>vuesa merced</i>. - <i>Don/doña</i> + nome. - Títulos + '<i>vuesa merced</i>' ou '<i>vos</i>' (títulos genéricos, 'señor', de parentesco ou trabalho e atividade).

Fonte: Medina Morales (2002).

Quanto às formas elencadas no polo simétrico da familiaridade, a autora assevera que, nas novelas picarescas analisadas, o uso do nome próprio seguido pelas formas pronominais e verbais de *tú* ou *vos* marca o mais alto grau de solidariedade entre as personagens. Ademais, esse uso é encontrado tanto no estrato social baixo, entre companheiros de profissão, quanto nas classes média e alta para expressar amizade; nestas últimas, preferencialmente com o pronome

vos. Também no polo da familiaridade utilizavam-se títulos genéricos (ex. *señora* + nome) ou de parentesco (*pariente* + *vos*, especialmente nas classes baixas); nomes no diminutivo para expressar forte intimidade (em todas as classes sociais); apelidos (nas classes mais baixas); entre outras fórmulas.

Por sua vez, no polo simétrico da formalidade utilizavam-se formas que expressavam pouca confiança ou intimidade, como é o caso do nome próprio acompanhado de *vuesa merced* (uma forma alternativa para o trato mais formal), além da forma *don(ña)* seguido do nome da personagem, e os títulos genéricos (*señor/a*, *vuestra excelencia*, *santidad*, etc.).

Medina Morales (2002) expõe que as formas *señor(a)* e *don(ña)* eram recorrentes. Sobre essas formas, o tratamento *señor* já existia no Império Romano em remissão a membros anciãos mais representativos da comunidade hebraica e cristã, senadores, etc.; com o tempo, passa a ser um trato com valor de “superior, autoridade, dono”, herdado pelo espanhol medieval. Para a época dos Séculos de Ouro, *señor(a)* passou a ser tratamento de respeito para superiores e, junto a esse valor, também incorpora um trato de cortesia entre iguais. Importa também destacar que a forma em questão apresentava outras variantes, tais como: *sor*, *seor*, *genior*, *señora*, *sora*. Para Pérez-Salazar (2018), em peças de *Calderón de la Barca*, essas formas eram sinais inequívocos de reverência e respeito de inferior para superior e se aplicavam a, desde reis, príncipes, membros da nobreza, até a altos cargos do clero e do exército.

Por sua vez, o tratamento *don(ña)* no percurso do tempo passa por extensa generalização e mudanças valorativas. No período medieval, representavam títulos de privilégios, geralmente comprados, por membros da nobreza e da igreja. No entanto, a partir do século XVI, o emprego dessas fórmulas se estendeu para falantes pertencentes a diferentes níveis socioculturais e em situações diversas, perdendo, no século XVII, qualquer valor de título de privilégio. Assim, nesse período, as formas *don(ña)* mantiveram apenas matiz de respeito ou cortesia em apresentações ou enumerações, sendo usadas em todas as classes sociais.

Ademais, quanto aos tratamentos honoríficos, Medina Morales (2002) expõe que esses expressavam o ponto mais elevado de cortesia, formalidade e respeito simétricos, usados também em interações assimétricas. Tais formas eram acompanhadas por verbos em terceira pessoa do singular, por exemplo: *vuestra señoría está*; *vuestra excelencia puede*; *vuestra santidad pide*, etc. Esses títulos, segundo a autora, eram distribuídos da seguinte forma: (i) no polo máximo estava a forma *vuestra excelencia* (altas hierarquias do governo e da igreja), também dirigido aos duques, governadores e generais; (ii) para reis, rainhas, príncipes e

infantes, a forma mais adequada era *vuestra majestad* ou *alteza*; (iii) a bispos, marqueses e condes, destinava-se a forma *vuestra señoría*; (iv) a cardeais, empregava-se a forma *vuestra eminencia*; e (v) restrito a papas, encontrava-se o tratamento *vuestra santidad*.

Medina Morales (2002) também reconhece em seu *corpus* de novelas picarescas dos Séculos de Ouro a existência de diferentes grupos sociais e suas distinções quanto ao uso das formas e fórmulas de tratamento, os quais expomos no quadro a seguir:

Quadro 3 – Grupos linguístico-sociais identificados por Medina Morales (2002)

Grupos sociais	Tendência de uso das formas ou fórmulas de tratamento
1. Aristocracia e o alto clero	Predomínio de títulos entre os membros do mesmo grupo em que não há solidariedade; uso de <i>tú</i> ou <i>vos</i> como trato de afeto ou solidariedade.
2. Classe média	Predomínio das formas cerimoniais – <i>esposa mía, señora mía, doctor</i> , etc.
3. Classe popular	Preferência por formas de confiança mesmo entre desconhecidos. Usa formas variantes dos títulos da classe média, por exemplo <i>seor</i> por <i>señor</i> , <i>seidor</i> por <i>servidor</i> , <i>voaces</i> por <i>vuesas mercedes</i> , e outros títulos que perdem seu significado literal para se transformar em formas de confiança.

Fonte: Medina Morales (2002).

Por fim, cabe destacar que as relações hierárquicas entre os séculos XVI e XVII marcavam-se a partir do sexo dos interlocutores, idade e classe social; logo, ter em conta esses aspectos era fundamental de modo a utilizar o tratamento oportuno, evitando situações embaraçosas ou, até mesmo, desencadeamentos de atos violentos.

AMOSTRA E APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Assumindo a amostra fílmica como material legítimo para estudos em Linguística e Tradução (entre outras áreas), em que se efetiva a *inmediatez comunicativa*³ a partir da interação entre personagens com características sociais e psicológicas diversas, em distintas situações comunicativas, a equipe CEEMO tem se dedicado (i) à seleção de filmes pertinentes aos propósitos do projeto – basicamente o estudo comparado de fenômenos linguísticos diversos entre obras originais e traduzidas; (ii) à elaboração e ajustes das normas de transcrição desse gênero; (iii) às leituras e discussões de estudos sobre o universo audiovisual; e (iv) ao trabalho de transcrição e revisão do material de áudio de filmes selecionados.

³ Em termos de Koch; Oesterreicher (2007 [1990]).

No âmbito do referido projeto, analisando a relação entre formas de tratamento e aspectos sociais, entendemos a amostra fílmica como um recurso que possibilita a observação da interação entre as personagens que, embora não seja espontânea, busca, sob o argumento da verossimilhança, representar comportamentos, costumes, ritos e, em certa medida, a língua da época que representa.

Como antes mencionado, para a análise aqui proposta, escolhemos como amostra o material de áudio do filme *Lope* (2010), na versão original em espanhol. A obra dirigida por Andrucha Waddington representa um drama biográfico, cujo enredo ambienta-se na Espanha, retratando a história da juventude do poeta e dramaturgo mais importante dos Séculos de Ouro, seus envolvimento amorosos e militares. A narrativa se inicia com o retorno de Lope a Madri, no século XVI, após uma guerra.

Para um estudo sobre o sistema de tratamento representado em uma amostra fílmica contemporânea que ilustra o cenário dos Séculos de Ouro, importa descrever os papéis sociais e as características das personagens que interagem na obra. Nosso protagonista, Lope de Vega, aparenta encontrar-se na faixa-etária entre 20 e 30 anos e, apesar de seu destacado talento cultural como poeta e dramaturgo, pertence à classe socioeconômica baixa. Como nosso objetivo central é debater sobre a representação dos tratamentos simétrico e assimétrico na amostra selecionada, tomando como parâmetro estudos de Medina Morales (2002), De Jonge; Nieuwenhuijsen (2009) e King (2010), entre outros, descrevemos os papéis sociais e as características dos personagens cujas falas compõem nosso conjunto de dados. Listamos a caracterização de 23 personagens, que, por limite de espaço, ilustramos a partir da lista recortada a seguir.

Quadro 4 – Personagens do filme *Lope* e características sociais (recorte para ilustração)

Personagens /atores	Sexo	Idade (+/-)	Nível sociocultural	Relação com Lope
Isabel de Urbina (Leonor Watling)	Fem.	Jovem; (+/- 20)	Classe Alta	Filha de Urbina, apaixonada por Lope
Elena Osorio (Pilar López de Ayala)	Fem.	Jovem; (entre 20-30)	Classe alta, empresária	Filha de Velázquez, casada, apaixonada por Lope
Marqués de las Navas (Selton Mello)	Masc.	Adulto (+/- 30)	Classe Alta, nobre	Contrata Lope para escrever poesias amorosas

Fonte: autoria própria.

Para a sistematização dos dados, averiguamos as interações realizadas na amostra fílmica a partir da teoria de Brown e Gilman ([1960] 2003), os quais direcionaram seu estudo às formas de tratamento em várias línguas, tal como o inglês antigo, francês médio, espanhol, italiano, alemão e português. Os autores sustentam que os usos dessas formas nas línguas têm uma aproximação a duas dimensões fundamentais para a análise da vida social: as dimensões de poder e de solidariedade. A essas dimensões, associam o sistema binário T/V, postulando que as línguas costumam apresentar uma forma genérica T para o tratamento singular familiar, e uma forma genérica V para o tratamento singular de respeito.

Desse modo, no que tange à semântica de poder, os autores asseveram que indicaria uma relação entre pelo menos duas pessoas de modo não-recíproco, no sentido de que ambos não podem ter poder na mesma área de comportamento. Nesse contexto assimétrico, o superior diz T e recebe V. Cabe mencionar que, embora existam muitas bases de poder – força física, riqueza, idade, sexo, papel institucionalizado na igreja, no estado, no exército ou na família –, a semântica do poder, nos termos de Brown e Gilman, prescreve apenas o tratamento entre superiores e inferiores.

Nesse contexto, as sociedades precisam também estabelecer regras para interações entre pessoas da mesma classe (de poder aproximadamente equivalente) – contexto em que as pessoas dão e recebem a mesma forma de tratamento T-T ou V-V, seguindo a semântica da solidariedade correspondente a relações simétricas.

Assim, nos passos de estudos históricos resenhados em seções anteriores, propomos uma leitura dos usos das formas de tratamento na amostra fílmica em análise, considerando a semântica de poder e solidariedade, a partir da apreciação de fatores sociais relacionados aos personagens que interagem com o protagonista Lope de Vega.

Assim, dividimos as interações diretas (entre personagens) em que ocorrem formas de tratamento explícitas nas díades interacionais de nossa amostra, a partir das relações (i) assimétricas ascendente e descendente (polo de poder, por exemplo, entre nobres e criados, juiz e réus ou advogados, empresários e empregados, oficiais e civis, etc.); e (ii) simétricas com predomínio da formalidade ou familiaridade (polo da solidariedade, por exemplo, entre pessoas do mesmo título de nobreza ou mesmo ofício, entre amigos, etc.).

Importa ainda mencionar que buscamos interpretar as ocorrências à luz de alguns fatores extralinguísticos, como: a faixa-etária, a situação sociocultural e o sexo dos

interlocutores, o tópico das interações e os espectadores envolvidos na situação comunicativa. Ademais, consideramos apenas os dados em que as personagens falam diretamente entre si.

ANÁLISE DOS DADOS

Em termos de variantes, considerando neste primeiro momento relações simétricas e assimétricas, a amostra considerada apresenta três formas pronominais (*tú*, *vos* e *usted*) e nove fórmulas de tratamento nominais, como ilustra o quadro a seguir.

Quadro 5 – Formas de tratamento encontradas no filme Lope (2010)

Formas de tratamento pronominais	Fórmulas de tratamento
<i>tú</i> (24)	<i>nome</i> (41)
<i>vos</i> (4)	<i>ofício + nome</i> (3)
<i>usted</i> (6)	<i>señor</i> (13)
	<i>señora</i> (7)
	<i>don + nome</i> (12)
	<i>doña + nome</i> (2)
	<i>(su) señoría</i> (5)
	<i>amigo</i> (2); <i>hermano</i> (3)

Fonte: Autoria própria.

O quadro 5 mostra que, nas interações da amostra fílmica, as quais retratavam o período histórico de finais do século XVI (juventude de Lope de Vega), há uma diversidade de formas pronominais e fórmulas nominais identificadas, sugerindo a intenção de ilustrar a sensível dinâmica social de uma época de mudanças e consolidação de novas classes sociais, como discutido em seções anteriores. No entanto, ao contrastar as variantes encontradas com os estudos elencados na seção teórica deste artigo, notamos algumas dissonâncias.

No que concerne à descrição de Biderman (1972/73), no século XVI, a forma *vos* ainda demarcava a dimensão do poder (de inferior para superior) ou solidariedade entre superiores (deferência recíproca). De Jonge; Nieuwenhuijsen (2009, p. 1636) identificam em seu corpus histórico um cenário já mais avançado de mudança semântica: no século XIV, *vos* ainda mantinha valor reverencial e, uma vez tendo sofrido “*una rápida decadencia semántica*”, passa, no século XV, a aparecer no trato mais familiar; momento em que *vuestra merced* vai emergindo em obras literárias, como *Corbacho* e *La Celestina*. No século XVI, De Jonge; Nieuwenhuijsen (2009, p. 1639) encontram um percentual de 74% de frequência do tratamento *vuestra merced*.

Diferentemente desse cenário encontrado pelos autores supracitados, nas relações assimétricas identificadas na amostra não encontramos uso da forma *vos* com valor deferencial, e, tal como a forma *tú*, aparece em nossos dados em contextos simétricos, como trato (i) recíproco (solidário entre personagens de mesmo nível socioeconômico) e (ii) íntimo. Nesse sentido, em nossa amostra, chama a atenção que, na representação de uma sociedade afetada por um intento de igualdade social ascendente, a forma pronominal da máxima confiança (*tú*), destinada, já desde séculos anteriores, ao trato de inferior para superior, seja expressivamente a mais frequente.

No nível da simetria, encontramos a coocorrência de duas variantes pronominais (*tú* e *vos*), sugerindo equivalência semântica entre essas formas. Na esteira das reflexões de King (2011) e Cisneros Estupiñán (1996), essa observação faz destoar a representação fílmica em relação ao real cenário dos Séculos de Ouro, pois, entre os séculos XVI e XVII, as formas pronominais *tú*, *vos* e *vuestra merced* apresentavam um contínuo da máxima informalidade à máxima deferência, em que o *vos* era um trato instável entre os dois polos, como já mencionado; não se tratava, portanto, de formas exatamente variantes, em termos funcionais.

Ainda cabe debater sobre as seis ocorrências da forma *usted*, que também distancia a arte da realidade linguística da época retratada. Como debatido anteriormente, o uso do pronome *usted* plenamente gramaticalizado, a partir de um processo de redução fonológica e de perdas e ganhos semânticos, difunde-se somente no século XVII. Adiante, expomos algumas ocorrências das formas pronominais analisadas.

- 1) *LOPE: [...] Con los ahorros que traigo podré hacer que viva usted como merece. (A sua mãe)*
- 2) *PORRES - Disculpá. ¿El señor Lope de Vega? (A Lope)*
LOPE - Sí, y usted es Don Gaspar de Porres. (A Porres)
PORRES - He oído hablar de los arreglos que has hecho a la comedia de Cervantes. Dicen los cómicos que la has convertido en algo nuevo. (A Lope)
- 3) *ISABEL - Y usted, señor Lope, ¿no tiene unos versos para nosotros? (A Lope)*
LOPE - Nunca me atrevería, señora. Ese honor está reservado para el señor marqués. (A Isabel)
- 4) *ISABEL - ¿Pero qué he hecho mal? Ahora, ahora es usted el que no está siendo justo conmigo, padre. (A Urbina).*
URBINA - Pero ¿cómo puedes ser tan insensata? Has humillado al Marqués de las Navas. (A Isabel)

O dado em (1) insere-se no contexto familiar em que a personagem Lope em referência a sua mãe emprega a forma moderna *usted*, indicando um tratamento de deferência. Em (2), temos a primeira interação entre Porres e Lope, em que este utiliza a forma *usted*, como trato respeitoso a seu interlocutor. Sobre este dado, vale destacar que Porres era o dono de uma companhia de teatro, e Lope, um dramaturgo iniciante, indicando uma relação assimétrica que justifica o *tuteo* verbal utilizado por Porres nas demais interações com Lope (*has hecho, has convertido*).

Por sua vez, o trecho (3) é particularmente interessante, uma vez que a audiência parece influenciar a escolha da forma de tratamento. O diálogo em questão ocorre na casa do Marquês, diante de sua presença e da presença de Perrenot. Isabel, cortejada pelo Marquês, dirige-se a Lope por *usted* e reforça o tom de distância ou respeito com o emprego da forma nominal *señor*. No entanto, nas demais interações entre essas personagens, aparece um *tuteo* recíproco. Assim, considerando os papéis sociais das personagens e da audiência, inferimos uma relação assimétrica; entretanto, recorrendo às demais interações entre Isabel e Lope, a intimidade e os sentimentos amorosos justificam o *tuteo* recíproco. Outro aspecto a observar neste dado são as pistas de intenção de proteger a imagem perante a audiência, que entra em jogo na escolha do pronome a se empregar ao interlocutor, na esteira das discussões de Boluda Rodríguez (2016).

Em (4), Isabel, a causa de seu envolvimento com Lope, discute com seu pai Urbina, diálogo em que configura um tratamento não recíproco entre pai e filha: Isabel dá *usted* e recebe *tú*, como indicam o pronome explícito na fala de Isabel, e as marcas morfológicas (*puedes, has humillado*), na fala de Urbina. Compreendemos esse caso como uma relação de assimetria considerando elementos sócio históricos: na sociedade da época, havia um respeito hierárquico dirigido aos patriarcas das famílias, em que, ademais, a idade e o sexo dos familiares determinavam em muitos casos os tratamentos empregados (KING, 2011, p. 538).

No que tange às formas de tratamento nominais, identificamos as enumeradas no quadro 5, das quais algumas coincidem com as fórmulas elencadas por Medina Morales (2002), no polo da simetria com predomínio da formalidade, tais como nome próprio + *tú*, *don(ña)* + nome/sobrenome e *señor(a)*; embora esta última também possa ser utilizada no polo da assimetria.

Quanto às formas *señor* (13 ocorrências) e *señora* (7 ocorrências), os usos encontrados na amostra se assemelham aos elencados na seção teórica deste artigo. De forma a ilustrar as suas ocorrências expomos os dados de 5 a 10.

- 5) *LOPE - Señora, si no va a comprar deje de manosear las cosas. No lo puedo remediar, me subleva ver los ajuares de madre de mano en mano.* (A uma cliente)
- 6) *LOPE - Señora, permítame que le presente mis respetos. Me llamo Lope de Vega y he traído una comedia para el señor...* (A Elena)
ELENA - No pierdas el tiempo, el señor Velázquez no lee comedias que no ha pedido. (A Lope)
- 7) *SIERVO - Señor, las órdenes del señor Velázquez han sido muy claras.* (A Lope)
LOPE - Dile que don Félix Lope de Vega tiene una comedia nueva. (Ao Servo)
- 8) *PORRES - ¿Querrías traerla? Tal vez podría representarla con mi compañía.* (A Lope)
LOPE - Se lo agradezco, señor, pero tengo un compromiso con el señor Velázquez. [...] (A Porres)
- 9) *VELÁZQUEZ - ¿Quién eres tú para corregir al maestro? Ve, ¡larga de aquí!* (A Lope)
LOPE - Señor. Le ruego que lea con atención las nuevas escenas. (A Velázquez)
- 10) *MARQUÉS - Señor Tomás de Perrenot, que honra esta casa con su presencia.* (A Perrenot)

O dado em (5) indica uma relação entre vendedor e cliente, em que Lope emprega o tratamento formal *señora* ao se dirigir a uma desconhecida que se interessa em comprar objetos da mãe do dramaturgo. Em (6), Lope, ao tentar entregar sua nova comédia para Velázquez, conhece Elena e a trata por *señora*, sugerindo um tratamento respeitoso característico desse tipo de primeiro contato. Elena, em seu turno, dá a Lope o tratamento T, constatado na conjugação de 2ª p.s. *pierdas*. Importa citar que, ao tornarem-se íntimos, Lope e Elena passam a utilizar um trato recíproco.

Os dados de (7) a (9), na sequência, apresentam uma assimetria de poder que favorece o uso da forma *señor*, a saber: em (7), um servo dirige-se a Lope com essa forma de tratamento, enquanto Lope lhe trata de forma não recíproca, com uso de verbo na 2ª pessoa do singular *dile*; em (8), Porres, dono de uma companhia de teatro concorrente do teatro de Velázquez, tuteia a Lope (*querrías*), enquanto Lope lhe trata por *señor*. De igual modo, em (9), Velázquez, numa relação assimétrica (de superior para inferior), tuteia a Lope e este lhe devolve o tratamento *señor*, já que aquele era seu chefe. Por fim, em (10), ocorre o único dado em que *señor* é usado para uma personagem de mesmo nível social, o Marquês se dirige a Perrenot com essa forma de tratamento, representando cortesia entre iguais.

Assim, em nossa amostra o uso das formas *señor(a)* concentra-se nas relações: (i) entre iguais, como uma forma de respeito (polo da simetria); e (ii) de inferiores para superiores (polo da assimetria). Esses usos coincidem com os apontados por Medina Morales (2002) em obras teatrais dos Séculos de Ouro. Contudo, Pérez-Salazar (2018) destaca, para a mesma época, o uso abundante em função vocativa do tratamento *señor(a)* nas relações de poder, sendo empregado (i) no trato a reis, príncipes, membros da nobreza, altos cargos do clero, exército, etc.; e (ii) na indicação de reverência e respeito de inferiores para superiores.

Também, em nossa amostra, identificamos em contextos assimétricos – considerando o papel social dos personagens-interlocutores – as formas *don* (12 ocorrências) e *doña* (2 ocorrências), seguidos do primeiro nome ou nome completo, como ilustram as ocorrências a seguir.

- 11) *SIERVO - Oiga, Don Félix Lope de Vega o de las mil putas, más le vale salir de aquí si no quiere que lo echen a latigazos.* (A Lope)
- 12) *LOPE - Don Jerónimo, en la vida la risa y el llanto van mezclados.* (A Velázquez)
- 13) *PERRENOT – Doña Isabel, tampoco puede quejarse. [...]* (A Isabel)
- 14) *LOPE - Quiero leer unos versos que dedico a Don Jerónimo Velázquez y a su honradísima hija, Doña Elena de Osorio... y al Señor Don Tomás de Perrenot, su socio en la honorable empresa.* (Ao público)

No dado em (11), o tom empregado pelo falante e o contexto da interação sugerem a escolha de uma forma que se desloca do plano da cortesia para a expressão de ironia. O servo de Velázquez utiliza a forma *don* para indicar a Lope, sujeito de baixo nível socioeconômico e de reputação contestável, que sua presença não era desejável. Já em (12), o uso desse tratamento parece expressar respeito, tendo em vista a relação hierárquica implicada: Lope era empregado da companhia teatral de Velázquez. Em seu turno, no dado em (13), que ocorre na interação em meio a uma festa na casa do Marquês, temos o tratamento (*doña* + nome) de Perrenot para Isabel, indicando trato respeitoso à dama que era cortejada por seu amigo. Por fim, em (14), Lope utiliza as formas *don(ña)* ao referir-se a Velázquez, Elena e Perrenot, durante a enunciação de versos que agrediam, diante do público do teatro, a moral, o caráter e a honra das personagens em questão; indica-se, portanto, o deslizamento da semântica da cortesia à ironia, a exemplo do dado em (11).

Conforme pontuamos na primeira seção, Medina Morales (2002) assevera que essas formas nominais passaram por diferentes valorações durante o século XVI, e chegam ao século XVII sem qualquer valor de título de privilégio, expressando respeito ou cortesia em apresentações ou enumerações. Além disso, eram formas usadas em todas as classes sociais. Os usos desses tratamentos na amostra parecem ser pautados em: (i) relação assimétrica para expressar respeito; e (ii) trato irônico. Vale observar que, na amostra, parece haver uma diferença estrutural entre esses dois valores, uma vez que o matiz irônico parece configurar-se na seguinte estrutura: forma nominal + nome + sobrenome.

Na amostra fílmica analisada também identificamos a forma (*su*) *señoría* (5 ocorrências), a qual ilustramos através das ocorrências em (15) e (16):

- 15) *VELÁZQUEZ* - [...] *Lope, su señoría Don Tomás Perrenot.* [...] (A Lope)
LOPE - *Si me disculpa, señoría, tengo que hacer unas indicaciones a los comediantes.* (A Velázquez)
- 16) *ELENA* - *Discúlpeme, señoría. ¿Podría concederme unos instantes?* (Ao juiz)
JUEZ - *¿Qué desea?* (A Elena)

Em (15), Lope estreava na companhia de Velázquez, o qual era sócio de Perrenot; e, sem saber que já eram conhecidos, Velázquez os apresenta novamente. A primeira ocorrência se dá na fala de Velázquez, sugerindo uma indicação à hierarquia ou ao respeito com que Lope deveria tratar a Perrenot. Nesse primeiro momento, Lope mantém o tratamento da formalidade repetindo a fórmula usada por Velázquez. Já no dado em (16), Elena utiliza a forma *señoría* para tratar o juiz durante o intervalo do julgamento de Lope. Nessa interação, também notamos que o juiz responde a Elena através do tratamento formal, marcado morfologicamente pela forma verbal *desea*. Poderíamos conjecturar que o papel social de juiz licenciaria o emprego do tratamento de superioridade descendente (forma T); contudo, a situação comunicativa impõe o tratamento da distância, favorecendo, dessa forma, o emprego de uma forma V. As demais ocorrências de *su señoría* também se situaram no julgamento do Lope, realizadas pela defesa (personagem Claudio) e acusação.

Vale ressaltar que, no século XVI, o tratamento (*su*) *señoría* era de complexa distribuição e poderia ser destinado a bispos, marqueses e condes, de acordo com Medina Morales (2002). Para Pérez-Salazar (2018), o uso do tratamento *señoría* também podia se aplicar como trato honorífico a representantes mais altos da hierarquia eclesiástica e da nobreza,

embaixadores, esposas de poderosos, damas de companhia da rainha, entre outros, fato que coloca em consonância os dados apresentados com o sistema de tratamento nominal da época que o filme representa.

Outras fórmulas nominais encontradas na amostra foram: o nome próprio da personagem acompanhado de verbos em 2ª pessoa do singular (ocorrência 17); nome do ofício e formas verbais em 2ª pessoa (ocorrência 18) e formas como *hermano* e *amigo* (ocorrências 17 e 19, respectivamente).

- 17) *JUAN – Lope, piénsalo bien. En Lisboa podrías alistarte en mi batallón ¿Qué me dices, hermano?* (A Lope)
- 18) *ELENA - ¿Estarás contento, poeta?* (A Lope)
- 19) *CLAUDIO – [...] Conociendo a Urbina, el convento es lo mejor que puede esperar Isabel. Después de esto no va a darle otra salida. ¡Buena la has armado, amigo!* (A Lope)

Em (17), Juan, irmão de Lope, tenta convencê-lo a seguir para o exército, tratando-o pelo seu nome e utilizando verbos na 2ª pessoa do singular (*piénsalo, podrías*); ao final, emprega o tratamento nominal *hermano*. Por sua vez, em (18), Elena, ao conseguir que seu pai (Velázquez) leia a peça de Lope, dirige-se a este último pelo seu conhecido ofício de *poeta*. Já em (19), Cláudio recrimina Lope pelo seu envolvimento com Isabel, a qual desmanchou o noivado com o marquês para ficar com o dramaturgo; aparece, nesse contexto, o trato da máxima confiança *amigo*. As fórmulas de tratamento demonstradas nos dados de (17) a (19) também eram recorrentes em textos literários dos Séculos de Ouro, coincidindo com as apontadas por Medina Morales (2002), especialmente no âmbito das relações simétricas com predomínio da familiaridade ou intimidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumindo que as coordenadas temporais condicionam o modo como uma obra se apresenta, em termos de cenário, figurino, linguagem e outros fatores, constituindo um material adequado não apenas para o entretenimento, mas também para estudos dessas semioses, neste estudo, voltamo-nos à representação temporal no nível da linguagem, especificamente no que concerne ao uso das formas de tratamento nominais e pronominais e sua correlação com organização e papéis sociais.

Em nossa análise da amostra fílmica *Lope* (2010), percebemos uma espécie de rejuvenescimento linguístico, em que o sistema pronominal de segunda pessoa representado na obra se distancia do sistema pronominal dos Séculos de Ouro, equiparando-se, de certa maneira, ao sistema do espanhol atual. Nossa afirmação se fundamenta na constatação (i) de uma forma que só se consolida a partir do século XVII – *usted*; (ii) de uma alta frequência do tratamento *tú*; (iii) da pouca produtividade da forma *vos*, que, em dados históricos, sinaliza a necessidade de uma representação de status social típica da sociedade do Século XVI; e (iv) da ausência da forma *vuestra merced*, que já era bastante produtiva no período representado. No plano das fórmulas nominais, encontra-se certa simplificação no sistema – o que é esperado em uma obra para entretenimento –, contando com a presença de formas (*su*) *señoría*, *señor (a)*, *don(ña)*, com valores de respeito e cortesia de inferiores para superiores ou entre iguais.

Por fim, respondendo a questão que norteia este estudo – “que aproximações são observáveis entre a representação das formas de tratamento em obra fílmica que ilustra os Séculos de Ouro e o uso efetivo do fenômeno, descrito por linguistas como De Jonge; Nieuwenhuijsen (2009), King (2011) e Medina Morales (2002), a partir da análise de textos literários do período entre os séculos XVI-XVII?” –, nossos argumentos indicam certas aproximações, mas revelam expressivas distâncias. Nesse âmbito, vale ao menos mencionar um tema não debatido nesta publicação, mas que aqui julgamos pertinente: a aparente ausência de um diálogo com a linguística na composição de obras dessa natureza. O filme *Lope* (2010) aportou um expressivo investimento em sua produção, resultando em dois prêmios Goya, por melhor canção original (*Que el soneto nos tome por sorpresa*, do uruguaio Jorge Drexler) e por melhor figurino. Uma questão a considerar é se, nesse espaço em que o visual ocupa posição de destaque, configurando-se, inclusive, entre as categorias de premiação (melhor figurino, por exemplo), caberia atribuir mais atenção aos aspectos linguísticos na tentativa de obter a verossimilhança, em termos de coerência temporal entre os usos e o momento histórico que se representa, sem, com isso, comprometer a compreensão e a propriedade de entretenimento, obviamente.

REFERÊNCIAS

BIDERMAN, M^a T. C. Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa*, v. 18/19, 1972-1973, p. 339-362. Disponível em: <encurtador.com.br/rswBJ>. Acesso em abril de 2018.

BOLUDA RODRÍGUEZ, M^a. D. Análisis de las fórmulas de tratamiento pronominales de segunda persona (vos-yú) en un pleito por brujería de 1602. *Revista de Investigación Lingüística*, Murcia, nº 19, p. 133-171, 2016.

BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity [1960]. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G.R. (Orgs.) *Sociolinguistics: The Essential Readings*. Oxford: Blackwell Publishing Ltda., 2003.

CARRICABURO, N. *Las fórmulas de tratamiento en el español actual*. Madrid: Arco Libros, S.A., 1997.

CISNERO ESTUPIÑAN, M. *Aspectos histórico-pragmáticos del voseo*. THESAURUS, N. 01,1996. Disponível em: <encurtador.com.br/wAHW8>_Acesso em abr. 2018.

DE JONGE, R.; NIEUWENHUIJSEN, D. Formación del paradigma pronominal de las formas de tratamiento. In C. Company (Ed.), *Sintaxis Histórica de la Lengua Española*. Segunda parte: la frase nominal. Vol. 2. UNAM Fondo de Cultura Económica, 2009, pp. 1595 - 1671.

ESTRELLA GUTIÉRREZ, Fermín. *Historia de la literatura española*. Buenos Aires: Kapelusz, 1959.

FONTANELLA DE WEINBERG, M^a. B. Sistemas pronominales de tratamiento usados en el mundo hispánico. In: BOSQUE, I. /DEMONTTE, V. (eds.): *Gramática Descriptiva de la lengua española*, 1. Madrid: RAE, 1999, p. 1399-1425.

GESSER, A. F. *Funcionalidades do pretérito perfeito espanhol em traduções para dublagem: análise de corpus fílmico*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

KING, J. Ceremonia y cortesía en la literatura del Siglo de Oro: un estudio de las formas de tratamiento en español. In: HUMMEL, M.; KLUGE, Betina; VÁZQUEZ LASLOP, M. E. Laslop (Eds.). *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México: El Colegio de México, 2010, p. 531-550.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Rasgos universales del español, el francés y el italiano hablado. En: KOCH, P.; OESTERREICHER, W. *Lengua hablada en la Rumania: español, francés, italiano*. Traducción: SERENA, Araceli L. Madrid: Gredos, 2007 [1990], p. 70-184.

LEITNER, M. Thou and you in Late Middle Scottish and Early Modern Northern English witness depositions. Zurich Open Repository and Archive, 2013. Disponível em: < https://www.zora.uzh.ch/id/eprint/104825/1/Leitner_20120627.pdf >. Acesso em março de 2018.

LOPE. Direção de Andrucha Waddington. Produção de Ikiru Films, Antena 3 Films, Conspiração Filmes, Toro Pictures. Intérpretes: Alberto Ammann, Leonor Watling, Sonia

Braga, Pilar López de Ayala e outros. Roteiro de Jordi Gasull e Ignacio Del Moral. Espanha-Brasil: 20th Century Fox distribuidora, 2010. Son., col., 108 min, DVD.

MEDINA MORALES, F. Las formas nominales de tratamiento en el Siglo de Oro. Aproximación sociolingüística. *AISO*. Actas VI, 2002. p. 1329-1341.

OLIVEIRA, L. C. de. *A evolução e o uso dos pronomes de tratamento de segunda pessoa singular no português e no espanhol*. *Letra Magna*, 2009, p. 1-19. Disponível em: <encurtador.com.br/bsxPX>. Acesso em setembro de 2018.

OLIVEIRA, L. C.; TÁVORA, B.; ALBANO, C. S.; BRANDELERO, Diare.; ROA, María A. G. Corpus do espanhol escrito com marcas de oralidade (CEEMO): pesquisas iniciais. In: FRITZEN, C.; OLIVEIRA, L.C.; GASPARI, S.; BUTTURI JUNIOR, A.. (Org.). *Semana Acadêmica de Letras da UFSC: debates e reflexões*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2015, p. 32-40.

OLIVEIRA, L.C.; TÁVORA, B.; URÓN, H. C. U.; GESSER, Alison F.; ALBANO, Carine S.; BRANDELERO, D. Pesquisas linguísticas com base na amostra fílmica Rio: olhares para a dublagem em português e em três variedades do espanhol. In: BUTTURI JR, A., XHAF AJ, D.C.P., OLIVEIRA, L.C., GUIMARÃES, N.S., PEDRALLI, R.. (Org.). *Estruturalismo, pós-estruturalismo e outras discussões: a X Semana Acadêmica de Letras da UFSC*. Curitiba: CRV, 2016, p. 179-187.

OLIVEIRA, L.C.; GESSER, A. F. La expresión temporal de pasado en el material de audio de una película brasileña traducida en México. *Verbum Et Lingua*, v. 5, 2015, p. 39-56.

PEDRAZA JIMÉNEZ, F.B.; RODRIGUES CÁCERES, M. *Historia esencial de la literatura española e hispanoamericana*, EDAF, 2008.

PÉREZ-SALAZAR, C. Sociolingüística del poder en el Siglo de Oro. De reverencias, altezas, mercedes, señorías y otras formas de tratamiento en el teatro de Calderón de la Barca. *HIPOGRIFO*, Volumen extraordinario, 1, p. 97-119, 2018.

RÓZSAVÁRI, N. El uso de vos y sus formas verbales en obras del Siglo de Oro. *Colindancias*, Vol.6, p. 263-275, 2015.

SCHERRE, M.M.P, et al. Variação dos pronomes Tu e você. In: MARTINS, M.A; ABRAÇADO, J. (Org.) *Mapeamento sociolingüístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p.133-172.

TORRENS ÁLVAREZ, Mª J. *Evolución e Historia de la Lengua Española*. España: Ed. Arco Libros, 2007.